

O COPO SUJO, O LAZER E A CONSTRUÇÃO DA SOCIABILIDADE ATRAVÉS DA PERIFERIA DO SISTEMA

Pascoal MANFREDI NETO ¹

“Tudo que é insólito desmancha no Bar”
Frei Beto

Privatize-se tudo, privatize-se o mar e o céu, privatize-se a água e o ar.... E , já agora, privatize-se também a puta que os pariu a todos.

José Saramago

Resumo: Análise sobre a construção da socialidade a partir da resistência ao pós-moderno.

Palavras-chave: Cultura marginal. Resistência ao processo civilizador. Sociabilidade. Lazer.

A sujeira sempre foi uma referência à ausência de limpeza. Os ingleses, no século XIX costumavam relacioná-la à civilização. Estes detentores da lei estática e dinâmica Comtiana, exportavam para os países sob sua hegemonia, como o Brasil, banheiras, lavatórios, sabão transparente e outros objetos para a higiene pessoal difundindo a idéia de *progresso da civilização*, não só no sentido de possuí-los, mas também de usá-los, ao ponto de se observar *Hipolyte Taine*, visitando a Inglaterra oitocentista, impressionar-se com o número

¹ Mestre em Sociologia pela USP/SP. Diretor Pedagógico e Docente da FAC/FEA.
E-mail: facfea.diretor@terra.com.br

de banheiras e lavatórios lá encontrados.

No mesmo período, os germânicos criticavam os britânicos, acusando-os de confundir sabão com civilização, ficando clara a diferenciação do conceito de civilização, que para os alemães (Elias, 1993, p.24) referia-se a: “fatos intelectuais, artísticos e religiosos... enquanto que, os franceses e ingleses a aludiam a fatos políticos econômicos, técnicos, morais ou sociais”, devido ao domínio econômico exercido pelos ingleses, juntamente com os franceses que traziam do antigo regime os costumes de sua nobreza cortesã. No século XIX, tornam-se os “higienizadores do mundo”, não só exportando seus produtos, como também o seu modo de viver.

Como relata Elias, em seu livro “o processo civilizador”, os hábitos não serão mais condenados pelo que possam acarretar a outra pessoa; serão condenados em si mesmos, associados ao embaraço, ao medo, à vergonha ou à culpa, estabelecendo uma espécie de auto-censura. Uma vez estabelecido o padrão de conduta social:

grande parte do que chamamos de razões de ‘moralidade’ ou moral preenche as mesmas funções que as razões de higiene ou higiênicas...onde a modelagem por esses meios objetiva tornar automático o comportamento socialmente desejável. (ELIAS, 1993, p. 153)

Não cabe aqui, fazermos um histórico da higienização no mundo, mas sim, tentarmos observar como se tem tratado o “**IMUNDO**”, especificamente, os bares que se encontram nos centros das cidades, geralmente próximos a terminais rodoviários e ferroviários. Este espaço ocupado por parte da sociedade trabalhadora e/ ou por parte dos representantes da contracultura, ficaram fora ou fazem questão de ficar, do processo civilizatório burguês, não

conseguindo incorporar tais mudanças, porque:

à medida que as maneiras se refinam, tornam-se distintas de uma superioridade: não é por acaso que o exemplo parece sempre vir de cima e logo, é retomado pelas camadas médias da sociedade, desejosas de ascender socialmente. (RIBEIRO, 1983, p. 19)

A sociabilidade, neste sentido, é estabelecida a partir da propriedade que determina, inclusive espacialmente, os círculos sociais, estabelecendo as relações e os valores do grupo por meio de regras de etiquetas que, por meio de sua coercitividade separaram, julgaram e discriminam.

Os extratos mais baixos da sociedade capitalista desdobram-se para construir e reconstruir a sua própria teia social, morando na periferia das cidades, vindo de regiões rurais, sofrendo com o seu desenraizamento cultural no sentido que Eclea Bosi, citando Antonio Gramsci, trata o tema: “quando a cultura popular entra em crise, quando se empobrece e desagrega, os prejuízos que daí advêm afetam a segurança subjetiva do homem que se reduz de seu papel de criador e renovador da cultura para o de consumidor” (BOSI, 1996, p. 65)

A tentativa de resistência a este processo civilizatório massificador é comum e pode ser observada em algumas regiões periféricas do sistema, ou por alguns grupos de teatro que fazem um trabalho de resgate cultural. Mary Del Priore, em seus estudos sobre as festas no período colonial brasileiro nos relata sobre as representações que resistências que os homens faziam:

Percebe-se, assim, que, para os diversos grupos sociais que aqui moravam, a festa constituía um grito desafiador contra as dificuldades do cotidiano, representando em exatidão para as tensões acumuladas contra as

autoridades... mas não só como uma válvula de escape; a festa significava também um repositório imenso de costumes e tradições. (PRIORE, 1994, p. 127)

Vale a pena ressaltar que os costumes na sociedade estamental tinham força superior à lei promulgada, porque enquanto dependia da vontade humana e de seu arbítrio, a tradição e o imemorial são considerados representantes da vontade e da ordenação de Deus.

Nesta fuga do campo para a cidade, devido à falta de condições favoráveis de vida e emprego, com grande ansiedade de se fazer mobilidade social, é que esse segmento social faz da periferia seu “*Pedaço*”, como relata José Guilherme Cantor Magnani:

o Pedaço é constituído por um componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais... Os bares, por exemplo, são antes de qualquer coisa lugares de encontro nos fins de semana ou após a jornada de trabalho, quando a sinuca, o dominó ou simplesmente o “*me*” ensejam longas discussões sobre a última partida de futebol na vila e o desempenho de cada jogador... (1984, p. 137)

Portanto, a periferia ainda vive e revive criando suas próprias formas de sociabilidade e de resistência à falta de cuidado das ditas autoridades institucionais.

Se a periferia tenta recriar sua própria defesa a esta ordem econômica e cultural, o centro das cidades sempre esteve vulnerável a todo o tipo de modismo que possa surgir, desde que seja para o bem do progresso, o seguir sempre em frente, estar na ordem do dia. Hoje um novo “fast food”,

amanhã um “Shopping Center”, um novo conglomerado comercial etc, pois é no centro da cidade que se localizam as esferas do poder constituído e o centro de controle social que irradia modismo e ao mesmo tempo, determina o padrão cultural a ser seguido através de normalizações e regulamentos. O centro torna-se o espaço da cultura letrada e enquadrada, onde o brutalizado não tem vez.

Segundo Alfredo Bosi, em sua *Dialética da colonização*, quando fala sobre o mapeamento geral do Brasil Colonial, um item caberia aqui:

a cultura letrada é rigorosamente estamental, não dando azo à mobilidade vertical, a não ser em casos raros de apadrinhamento que confirmam a regra geral. O domínio do alfabeto, reservado a poucos, serve como divisor de águas entre a cultura oficial e a vida popular. (BOSI, 1998, p. 25)

No centro das cidades, a urbanidade expulsa para os porões e adjacências o que resta de periférico ou atrasado em espaços limitados. E é neste momento que esse tipo de comércio que compõe o “Imundo” resiste, criando forma própria, comprimido, exprimido, ocupando muitas vezes as calçadas, partes das ruas, estabelecendo-se embaixo das escadas, como se não importasse com a ausência de espaço físico, onde as relações sociais são intensas e constantes. Na maioria das vezes, esses espaços são chamados de “*Copo Sujo*”, em referência ao aspecto do lugar: triste e melancólico, pouco asséptico, onde o tira-gosto é de procedência duvidosa, criando a sensação de mal estar e ao mesmo tempo de desafio. Estar ali é como se estivéssemos no limiar da cultura ou no fim do que restou dela. Talvez seja por isso, que o lugar é propício para tanta conspiração e sensação de liberdade. Alguns criaram estilo de vida e inspiraram movimentos musicais, como por exemplo, a Boemia com a sua expressão máxima “música de fossa”; outros se constituíram na roda de Samba,

que depois foi incorporada pela indústria cultural; outros conspiraram contra o poder, organizando verdadeiras insurreições em guardanapos de papel; existem aqueles que buscam amores baratos; alguns negociam com sua lucidez. Outros, sempre abertos ao delito, ao ilegal e ao ilícito, também fazem parte do lugar como se já tivessem nascido com ele, pois a rede social estabelecida é a da transgressão à ordem vigente e ao “establishment”.

Esse espaço imaginário de resistência na maioria das vezes inconsciente às normas de integração social e à felicidade utilitária, nas quais a idéia de concorrência e disputa social “parece” não existir, faz com que o estigma do local horizontalize a pirâmide social, criando um paradoxo sobre a idéia de consumo, pois:

no utilitarismo o interesse do indivíduo permanece unificado ao interesse básico da ordem estabelecida. Sua felicidade é inofensiva. Este ser inofensivo se mantém até na organização do tempo livre pelo estado autoritário. Agora a alegria permitida seria organizada. A paisagem idílica, o sítio da felicidade dominical, se converte em pista de treinamento... que se torna competição ao ar livre. O inofensivo gera sua própria negação. (MARCUSE, 2001, p. 67)

Nesse sentido o avesso dessa dialética faz do **Copo sujo** um espaço “democrático” de desqualificação social, guardadas as devidas proporções de dinheiro no bolso para o consumo, mesmo porque o espaço tem dono, geralmente um migrante ou imigrante com “muitas histórias” pra contar, tornando-se inclusive a referência do local.

Já são de longa data estes debates sobre o comportamento dos frequentadores desse tipo de espaço de lazer e de “contra-cultura”, que tem seu movimento aumentado após o horário de trabalho e nos finais de semana, caracterizando-se como um local pertencente ao mundo do trabalho. Cabe-nos aqui, uma reflexão sobre os frequentadores desses locais, feita por Engels (1979), que relata o estarecimento do economista austríaco Emil Sax que tentando justificar a péssima habitabilidade à qual estavam submetidos os trabalhadores no século XIX, argumentava que não era devido aos baixos salários pagos pela burguesia calvinista da época, mais sim pela ignorância e desleixo social do trabalhador:

é devido à ignorância, e com o fim de economizar o mais possível no aluguel, que habitam casas sombrias, úmidas, insuficientes... numa palavra fazem escárnios de todas as exigências de higiene, que várias famílias alugam um único barraco em conjunto, ou até um só quarto-tudo isso para despender o mínimo possível com o aluguel-enquanto gastam todo o seu salário de uma maneira verdadeiramente culpável em bebidas e em todas as espécies de prazeres frívolos. (ENGELS, 1979, p. 26)

O dinheiro gasto pelo trabalhador em álcool e tabaco era questionado pela burguesia da época, numa tentativa de desviar atenção da exploração de sua mais-valia, atribuindo-lhe a pecha de incompetente e mal administrador do dinheiro recebido nas fábricas, devido a sua falta de compromisso com a ordem estabelecida e com o futuro dos seus, como o próprio Engels retrata:

o alcoolismo no meio dos operários é um produto necessário ao modo de existência deles tão fatal como o tifo, o crime, os parasitas, a violência policial e outras doenças sociais, tão fatal que se pode calcular de antemão a média do número dos que se entregam à bebida. Engels prossegue em sua análise caracterizando o divisor de águas, que a burguesia da época expressava; gente vulgar vai aos bares e gente de bem vai aos clubes. (ENGELS, 1979, p. 26)

O *Copo Sujo* resiste à globalização ou à mundialização, como os franceses gostam de conceituar, como se fosse um bárbaro medieval contra um “Robô Cop” ou qualquer coisa do gênero deste nosso mundo pós-moderno, onde o privado invade o público; o *Copo Sujo* não é o submundo, mas o próprio mundo refletido em si mesmo, freqüentado pelos vermelhos e pelos verdes, às vezes pelos amarelos e de vez em quando pelos brancos. Mas, nunca pelos azuis.

NETO, Pascoal Manfredi. The dirty glass, leisure and the construction of sociability through the system periphery. *Avesso do Avesso*, Araçatuba, v.4, n.4, p. 128 - 136, nov. 2006.

Abstract: Analysis of the construction of sociability according to the resistance to the post-modernism.

Key words: Marginal-culture. Resistance to civilizing process. Sociability. Leisure.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- BETO, Frei. Tudo que é insólito desmancha no bar. **D.O. Leitura/cultura**, São Paulo, n. 151, p. 10, jan. 1996.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- BRUHNS, Heloisa Turini (Org). **Temas sobre o lazer**. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2001.
- COELHO, Marcelo. A vidinha de Saramago. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. 12, 23 fev. 1997. Mais.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 1.
- ENGELS, Friedrich. **A questão da habitação**. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1979.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARCUSE, Herbert. **Cultura e psicanálise**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RIBEIRO, Renato J. **A etiqueta no antigo regime: do sangue á doce vida**. São Paulo Brasiliense, 1983.